

Atuação é intensa, mas longe dos holofotes

O trabalho que se inicia com os funcionários da Secretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito, todos servidores do Senado, desemboca no grupo de assessores convocados especialmente para auxiliar a CPI do Judiciário. A tarefa desse grupo também não é fácil. Cabe a eles analisar os documentos mais importantes e buscar provas das irregularidades investigadas pela comissão.

O grupo é composto por 20 profissionais cedidos de órgãos federais. Cinco advogados vieram da Consultoria Jurídica e Parlamentar do Senado, dois funcionários são do Inbra, dois do Tribunal de Contas da União, um da Polícia Federal, um da Receita Federal, dois da Procuradoria-Geral da República, dois do Banco Central e cinco da Presidência do Senado.

Todos foram agregados em três grupos de trabalho: sigilo telefônico, sigilo bancário e relações jurídi-

cas, mas nem sempre ficam setorizados somente no grupo ao qual pertencem a sua formação acadêmica. "É uma questão de esperteza, quem analisar os documentos com atenção, mesmo que não tenha estudado na área, vai conseguir encontrar o fio da meada", explica o perito criminal da Polícia Federal, responsável por investigar os extratos bancários de pessoas investigadas pela CPI, que não quer se identificar.

E não é só ele quem pretende permanecer no anonimato. Nenhum dos assessores quer ser identificado, mas têm uma boa justificativa para isso. Eles trabalham com documentos importantes, muitos deles sigilosos, que comprometem o sigilo bancário e fiscal. Alguns papéis que eles analisam, por segurança, ficam guardados em um cofre na sala da comissão. Por isso todos têm orientação da presidência da CPI para fugirem dos holofotes.

Eles garantem que seu objetivo

é realizar bem o trabalho, que não é pequeno. A rotina dos assessores tem sido puxada, mas, de acordo com perito criminal da Polícia Federal, nada diferente do seu próprio trabalho na PF. "Hoje meu almoço foi uma maçã e uma banana porque não tivemos tempo de almoçar", diz ele.

O trabalho que lhe consome o dia e até as horas de alimentação é investigar as pilhas de documentos, que estão sobre a mesa para serem analisados e dentro do armário da pequena sala reservada ao grupo, cruzando informações de entrada e saída de dinheiro em contas, nos extratos enviados pelo Banco Central. "Estamos em busca de irregularidades, se um cheque entra na conta, cruzamos informações para saber de onde ele veio", explica um advogado especialista em auditoria em bancos.

Além de buscar provas, que vão constar do relatório final da CPI, os

assessores também estudam documentos que vão servir de base para as perguntas dos integrantes da comissão durante os depoimentos. "Muitas vezes formulamos as perguntas que os senadores fazem para as testemunhas ou damos dicas do que eles devem perguntar", conta um advogado cedido pelo Tribunal de Contas da União.

Os assessores também viajam pelo Brasil acompanhando depoimentos de pessoas envolvidas nos casos investigados pela CPI. Na semana passada, por exemplo, grupos de assessores acompanharam depoimentos de testemunhas na Paraíba, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Eles trazem as cópias dos depoimentos e informações preciosas que vão auxiliar os senadores na hora de interrogar testemunhas nas sessões da CPI no Congresso. Sua tarefa é não deixar brecha para os culpados conseguirem escapar impunes. (H.B.)